

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CABRAL, Hozana Beatriz Leite. Hozana Beatriz Leite Cabral (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 40min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Hozana Beatriz Leite Cabral
(depoimento, 2017)**

Rio de Janeiro

2021

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Pesquisa e elaboração do roteiro: João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 18/04/2017

Duração: 0h 40min

Arquivo digital - áudio: 1;

Temas: Atividade profissional; Ciências Sociais; Colégio Pedro II; Ensino público; Formação acadêmica; Formação profissional; Greves; Livro didático; Vida cotidiana;

Sumário

Entrevista: 18.04.2017

O processo de profissionalização como socióloga; as experiências no estágio supervisionado no Colégio Pedro II de Humaitá; a complementação das matérias de licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); a convocação para trabalhar no Estado; a greve dos professores em 2016 e as reivindicações atendidas; o processo de elaboração das aulas; as dificuldades dos alunos da rede pública estadual; os livros didáticos de Sociologia usados em sala de aula; a esquematização do quadro da aula; a indisciplina em sala de aula; o caderno usado para anotações dos tópicos trabalhados em aula; a dificuldade dos alunos na leitura dos textos didáticos; as avaliações realizadas pelos alunos; a articulação do cotidiano dos alunos aos temas de Sociologia; o contato com outros professores da escola; a reunião organizada pela diretoria na discussão de problemáticas da escola; a ausência de uma coordenação pedagógica; o planejamento pedagógico organizado pelos professores; o trabalho no escritório de advocacia paralelo ao cargo no Estado; os possíveis recursos extradidáticos para a elaboração da aula; reflexões sobre o emprego como professora do Estado; problemas sobre gestão de turma; reflexões sobre a licenciatura como oportunidade profissional; as diferenças e complementaridades da Sociologia no ensino básico e superior; os lados positivos e negativos da docência; o contato com os alunos nas redes sociais; possibilidades de trabalho na docência de Ciências Sociais; o contato com as Ciências Sociais fora da docência; as turmas assumidas pela professora.

Entrevista: 18.04.2017

João Maia – Então, hoje é dia 18 de abril. Entrevista com Hozana Beatriz Leite Cabral, está certo?

Hozana Cabral – Certo.

J.M. – Hozana, obrigado por ter aceitado vir. A primeira pergunta que eu faço para todo mundo é: você foi estudante de Ciências Sociais, tanto aqui, quanto no IFCS, não é isso?

H.C. – Exato.

J.M. – Quando você começou a sentir que você estava se profissionalizando, digamos assim, como socióloga, como professora? Como é que foi essa passagem de aluna para virar uma professora?

H.C. – Eu acho que o grande diferencial é quando a gente vai para o estágio supervisionado, não é? E aí eu fui fazer o meu estágio no Pedro II do Humaitá.

J.M. – Que ano era isso? Você lembra?

H.C. – Isso foi em 2014.

J.M. – 2014, não é? Você estava na licenciatura do IFCS?

H.C. – Isso, 2014. Na licenciatura do IFCS.

J.M. – Certo.

H.C. – Aí a gente tem esse estágio supervisionado, que são dois semestres, e no final a gente tem a prova de aula para ser aprovado ou não como professora, assim, não é? Então a gente tem esse teste, mas a gente vai acompanhando o cotidiano do aluno, da escola e tal, e aí a

gente vai vendo como é que o professor mais ou menos trabalha com as turmas. Só que quando eu cheguei no estado, é totalmente diferente.

J.M. – Antes de chegar no estado. Como foi o teu estágio? Você pegou uma época da licenciatura em que tinha efetivamente um curso de licenciatura e não apenas uma complementação de 3 ou 4 disciplinas. Como foi essa licenciatura para você assim... e o estágio, foi legal para você e tal?

H.C. – Então... ah, o estágio foi legal, foi uma boa, uma ótima experiência, inclusive, e aí depois do estágio a gente ainda tem que fazer um relatório para a professora, de didática para falar como é que foi essa nossa experiência, como é que se deu esse trâmite na escola, o que é que a gente achou, como é que foi e tal, mas assim... Foi ótimo, eu gostei muito do estágio, mas eu senti falta, assim, como eu já tinha terminado aqui a graduação bacharelado...

J.M. – Em que ano você terminou aqui mesmo o bacharelado?

H.C. – Aqui eu terminei em 2011, coleei em 2012.

J.M. – Certo.

H.C. – Aí, eu fui fazer a... como se fosse uma complementação lá na UFRJ. Foi um processo de seleção interno que eu fiz para lá.

J.M. - Entendi.

H.C. – Aí teve uma prova, passei e fui cursar. Aí eu já entrei lá, a minha turma já estava no terceiro período.

J.M. – Aham, da licenciatura lá...

H.C. – A turma que eu me formei. É, da licenciatura completa lá, eu já entrei no terceiro período. Eu consegui eliminar algumas disciplinas que eu já tinha feito aqui, lá. Mas aí

também foi um pouco caos lá, por causa da... teve greve, enfim... tiveram vários perrengues, mas consegui. Aí me formei em 2015 lá.

J.M. – E o estágio foi legal para você, foi uma boa experiência, mas e aí, quando é que você entrou no estado?

H.C. – Então, me formei em janeiro de 2015, fiz a prova em abril de 2015 e fui convocada em novembro de 2015.

J.M. – Caramba.

H.C. – Foi muito rápido, eu fiquei até muito surpresa assim, nem sabia que ia ser tão rápido. Aí fui convocada, chamada, aí na verdade no final de 2015 eu só fui mais para cumprir tabela, preencher diário... fazer tudo que o professor não fez durante o ano e caí num tempo super quebrado, os lugares, vários... muito ruins...

J.M. – Quais foram esses primeiros lugares? Quais escolas eram?

H.C. – Ah, eu peguei uma escola de início no centro de Nova Iguaçu e uma em Comendador Soares à noite, foi horrível, porque eu tinha que voltar sozinha tipo 9 horas da noite, pegando quase o último trem e só para cumprir realmente tabela, só para cumprir horário, só para realmente, efetivamente, assumir no estado, porque, é... geralmente os professores que eu... as turmas que eu peguei dos professores, eram professores que tavam fazendo ou GLP, que é uma complementação que você pode fazer, pegar turmas a mais para ganhar um pouco mais, ou então eram pessoas que já estavam se aposentando.

J.M. – Então eles não estavam dando efetivamente aula, era isso que estava acontecendo? Não entendi.

H.C. – É, eles não estavam... no finalzinho já não estava tendo mais nada, não é? Estava tendo só prova, recuperação e preencher diário. Basicamente foi isso que eu fiz no final de 2015. Foi só assumir mesmo as turmas no estado. Então não tive prática de aula, nada disso, não preparei aula, nem nada disso, porque foi bem no finalzinho mesmo, 2015.

J.M. – E aí como é que foi para... começou mesmo de verdade assim?

H.C. – Aí começou mesmo em 2016.

J.M. – Nessas escolas ou em outras?

H.C. – Em outras escolas, que aí porque eu tinha que complementar...

J.M. – Hum, quais foram?

H.C. – Aí foi em... aí agora eu já não me lembro. Não, ano passado foram duas escolas que eu peguei também tempos quebrados, não consegui fazer todas em uma escola só, que era da minha origem, que é na minha origem ainda, que é lá em Austin. E ano passado eu fiquei em duas escolas, que foi uma próxima ao centro de Nova Iguaçu e essa que era... que é a minha origem lá em Austin.

J.M. – Tua origem, tu fala porque é o bairro onde tu cresceu, etc?

H.C. – Não, não. Origem é a origem que eles colocam a escola que você vai fazer todos, teoricamente, que você deveria fazer todos os seus tempos, mas às vezes nem todos os tempos têm nessa escola.

J.M. – Ah, entendi.

H.C. – Entendeu? Aí você tem que complementar em outra escola.

J.M. – Aí você tem que complementar a carga horária em outra...

H.C. – Exatamente. Para professor de sociologia são 16 horas, a gente fica 3...pera... 12 tempos em sala.

J.M. – Doze tempos em sala.

H.C. – Doze tempos em sala. Daí ano passado também foi meio perrengue, porque teve a greve, aí ficamos quatro, uns quatro meses ...

J.M. – Mas não deu nem para começar porque...

H.C. – Não, é, a gente começou assim, mais ou menos, aí de repente em março já estourou a greve. E a gente ficou um tempão, a gente ficou muito aborrecido, porque a gente não conseguiu muitas coisas, mas uma das vitórias inclusive foram os tempos, é...os dois tempos no primeiro ano do segundo grau, que era só um tempo, e aí a gente conseguiu, basicamente foi essa a vitória, não é? Pelo menos para a gente de sociologia foi isso. Fora isso, a gente teve salário cortado menos sete dias. Enfim, foi um caos. E aí quando a gente voltou, é... a gente teve que complementar esse tempo de greve, não é? Então eu tive que ir vários sábados para a escola com zero alunos para poder meio que cumprir tabela para fazer lá... das responsabilidades das escolas também com a Metropolitana.

J.M. – Entendi, mas aí como é que é, mesmo tendo esse tempo curto aí que você está no magistério assim... Como é que é você para preparar aula, para chegar lá... como é que é assim para você? Preparar as aulas, você vem com uma coisa já esquematizada, como que é?

H.C. – É, então, eu vou sempre com uma aula preparada. Geralmente, eu pego o livro didático e faço meio que um resumo para apresentar e escrever, literalmente, no quadro, porque a gente enfrenta uma dificuldade muito grande nessa escola, principalmente, porque...

J.M. – Nessa, qual das duas?

H.C. – Agora eu estou só em Austin.

J.M. – Só na origem...

H.C. – Agora eu estou só na minha origem. Aí dou aula duas vezes na semana de manhã.

J.M. – Você dá aula, você tem esses tempos de manhã lá...

H.C. – Isso, aí, só que lá eles têm uma dificuldade muito grande assim de... de aprendizado mesmo, sabe? Eles não... não são pessoas interessadas, digamos assim, sabe? Eles não questionam, não perguntam... para eles é tudo mais... a escola é mais um local de convivência entre eles, do que um local de aprendizado de verdade. Às vezes a gente tenta até pegá-los assim meio que “Vamos lá, vamos estudar!”, não sei o quê, “Vocês sabem o que está acontecendo?”, mas é muito complicado, é muito difícil. E isso é o ponto diferencial que eu senti entre o Pedro II, que foi onde eu fiz o meu estágio, e o Estado efetivamente, não é? Porque no Pedro II eu peguei turmas com meu professor regente que, pô, de oitavo ano que tava tendo sociologia, super empolgados, interessados, não sei o quê, perguntavam, questionavam, é... ligavam as coisas, as disciplinas, sociologia com história, pô, nesse período que aconteceu e tal, perguntaram... lá na escola, parece... No Estado parece que a gente está falando assim, sei lá. Alguns interessados, poucos por turma. E tem turmas que são totalmente desligadas, não querem realmente saber de nada.

J.M. – O livro didático tu usa para preparação da aula, em casa assim... você prepara aula em casa...

H.C. – Isso. Para preparar em aula ...

J.M. – Ah, entendi. O livro que vocês usam é qual?

H.C. – Então, o que a gente usa lá na escola, que foi adotado, é o Tempos Modernos de Sociologia aqui da...

J.M. – Sei, da Helena, da Bianca...

H.C. – Isso, da Helena, da Bianca... mas eu uso mais o do Pedro II, o Sociologia em Movimento.

J.M. – Ah, tá. É do Tomazi isso, não?

H.C. – Não. É o que foi preparado pelos professores do Pedro II. Às vezes eu até uso o do Tomazi também, mas para puxar questões e tal, aí eu uso o do Tomazi.

J.M. – Mas você usa mais para você ou em sala você pede para eles lerem os trechos etc? Você usa com eles ou mais você assim?

H.C. – Não, mais eu que uso mesmo, para preparar a aula.

J.M. – Aí o que você tem lá basicamente é o quadro negro e aí você põe um pouco a aula ali...

H.C. – É, eu ponho o quadro, geralmente eu coloco um texto e vou dizendo, desenvolvendo a aula, de acordo com a temática preparada.

J.M. – Hum, sei. Aí você leva já, digamos assim, umas notas para você... quando você fala preparar a aula, tem gente que levar umas notas e...

H.C. – Ah, eu tenho o meu caderninho [risos].

J.M. – Ah, você tem o caderninho?

H.C. – Tenho. Tudo esquematizado.

J.M. – Como é que é o caderninho?

H.C. – Ah, o caderno eu coloco geralmente assim ... é, como agora a gente tem dois tempos de primeiro ano, então fica melhor para preparar a aula, porque a gente tem mais tempo. Então dá tempo de escrever, dá tempo de eles escreverem no caderno, dá tempo de fazer a chamada e explicar, porque, normalmente, a gente consegue prender a atenção no máximo, assim, estourando 15 minutos. Da aula toda, a gente consegue absorver 15 minutos para eles entenderem alguma coisa. Então assim, a gente dá aquela explanação toda da aula de uma hora e... uma hora e pouquinho que a gente tem... então dá tempo de eles chegarem, fazerem... irem ao banheiro... enfim, fazer suas necessidades, escreverem, e eu conseguir explicar. E às vezes eu nem consigo explicar, porque é muita algazarra.

J.M. – Entendi. Ah tá, tem problema de indisciplina também assim?

H.C. – Pô, muito, muita indisciplina.

J.M. – Mas light ou meio tenso assim?

H.C. – Tenso. Às vezes é bem tenso.

J.M. – Tipo briga dentro de sala assim...

H.C. – Brigas dentro de sala é raro, mas eles são... tem turmas de primeiro ano que são muito infantis. Muito assim, coisa boba, fica jogando bolinha de papel, sabe, coisa idiota, sabe? E eu fico “Gente, vocês estão no primeiro ano, segundo grau e tal”. Eu tento fazer com que eles entendam que eles chegaram em outra fase, entendeu? Eles não têm mais dez anos para poder ficar brincando dentro de sala de aula, principalmente quando eu estou falando, é... falando, explanando. Agora quando eu estou no quadro escrevendo, eu deixo eles à vontade, assim. Eu falo “Podem falar, mas não faz algazarra”, “não zonea a aula”, mas pode brincar e tal, tudo bem, mas quando eu estiver falando, eu estou falando. E agora eles perceberam isso depois do teste, da prova. Agora eles vão ficar pianinho.

J.M. – [risos] Agora eles vão ficar piano... mas fala do caderninho aí. O caderninho é tipo o caderno que você tinha, assim, para anotar coisas quando você era aluna assim, anotar meio as coisas do texto, ou você fala umas coisas assim 'Aqui puxar uma discussão tal, não sei quê', como se fossem orientações para você mesma...

H.C. – Não, caderninho é mais o que eu escrevo em sala mesmo.

J.M. – Ah tá. O texto que você quer botar...

H.C. – É o texto para colocar em sala.

J.M. – E que são pontos assim?

H.C. – É, não, geral... é. Mais ou menos, às vezes eu coloco algumas pontuações, mas é mais uma formulação geral, um texto mesmo.

J.M. – Sei, da sua palavra, não é? O que você escreveu, a partir do...

H.C. – É, a partir do texto do livro. Eu meio que resumo para poder colocar para eles no quadro.

J.M. – Sei, você chegou a tentar dar alguma coisa para eles lerem? Tipo uma página do livro didático, alguma coisa assim, você acha que rola?

H.C. – Não vai rolar.

J.M. – Não vai rolar?

H.C. – Não. Eles são muito desatentos. Muito. Eles não conseguem se prender a uma coisa, sabe? É muito difícil. Até o que eu escrevo no quadro, eles perguntam. Eu acabei de explicar e eles questionam o que acabaram de escrever. Eles não conseguem escrever, ler o texto, nem na hora do teste. Difícil.

J.M. – No caso assim, você passa testes e provas, assim... você tenta, você já passou trabalho, tipo seminário, essas coisas.. como é que foi assim?

H.C. – Já. Não...seminário...

J.M. – Seminário não, trabalho, sei lá.

H.C. – Já passei trabalho para eles. No ano passado eu tive essa experiência, mas é meio, assim, se você não formular bem a questão...

J.M. – O que que você quer assim...

H.C. – O que eu quero, fica bem complicado, porque eles são muito copia e cola. Totalmente Wikipédia, trabalho é... “Gente, por favor, façam um trabalho bem apresentado e tal, desenvolvimento, não sei o quê”, e eles copiam e colam da Wikipédia e entregam o trabalho. E ainda copia do colega e ainda copia com os erros de português. Aí eu fico chocada, fico chateada, descontro tudo neles, mas não adianta muito não. É complicado, mas agora eu passei um trabalho inclusive como prova para o terceiro ano, comecei a corrigir hoje e está mediano, estão desenvolvendo.

J.M. – Ah, terceiro ano.

H.C. – É, terceiro ano, mas pedir para o primeiro ano é um fracasso, porque eles são bem ruins.

J.M. – Entendi, agora tipo... sociologia é uma das disciplinas que toca nuns temas assim, que em tese são quentes, ou que em tese fazem parte da vida deles lá: gênero, racismo, desigualdade... pinta isso em sala, eles percebem isso, você consegue tentar chamar a atenção, como é que é?

H.C. – Sim, agora como... agora no primeiro ano, a matéria do primeiro bimestre foi sobre processo de socialização, aí eles, meio que mais ou menos, puxaram sobre família, relacionamento no bairro, na igreja e tal. Eu tento realmente puxar esse lado para eles, a diferença de ciência para senso comum, trabalhei com eles, explicando e tal... eu sempre tento trazer para aula as coisas que acontecem realmente no cotidiano deles, sabe? Para ver se eles se interessam, procuram buscar mais, entende?

J.M. – Aham, e a resposta é melhor assim ou mesma coisa..

H.C. – Às vezes tem um ou outro que se sobressai, sabe? Que faz uma pergunta mais elaborada e tal, e a gente tenta discutir em sala, mas a discussão sempre vira conversatória e aí complica...

J.M. – Entendi, entendi. Você é a única professora de sociologia no colégio ou tem outros?

H.C. – De sociologia sou só eu, mas tem professores... tem uma professora de história que está dando aula de sociologia.

J.M. – Entendi. E você tem um papo com ela, ou com outros professores sobre a turma, sobre o que fazer ou planos etc. Tem um papo assim ou é muito solitário?

H.C. – Não, na sala de aula... na sala dos professores a gente até conversa muito sobre as turmas. Tem uma turma que é unanimidade assim, a pior turma, de fato disparada da escola, que eles são terríveis. É uma galera assim que já tá, sei lá, com 17, 18 anos no primeiro ano e quer tacar o terror na escola, sabe? E a gente fica cansado, a gente fica esgotado quando a gente vai para essa turma. Então a gente fica assim abalada mas, assim, a gente tenta levar, a gente tenta trazer. 'Oh, tem um aluno que está dando mais trabalho', que às vezes cada turma tem um aluno que é aquele perturbador, que sem ele, a aula flui. Então, assim, alguns professores adotam... cada professor adota o seu método. Tem gente que tira e não está mais... tipo, não quer ele na sala de aula para ele não dar trabalho e não perturbar os colegas. Então, é isso assim, às vezes a gente tenta adotar mais ou menos a mesma estratégia, mas às vezes não tem jeito, não é? O aluno também tem que assistir aula. Então a gente fica meio nesse dilema.

J.M. – Você fica muito na sala dos professores depois... nos intervalos só das aulas... depois que a aula termina você volta assim para casa... ou você fica lá fazendo coisas, preenchendo diário?

H.C. – Não, não, geralmente eu volto para casa. É, o contato com os professores é mais via WhatsApp ou...

J.M. – Ah, tem WhatsApp dos professores assim?

H.C. – Tem.

J.M. – É ativo assim o negócio?

H.C. – Super ativo. É um negócio muito louco.

J.M. – E o que vocês falam no WhatsApp dos professores?

H.C. – Ah, geralmente, depende do grupo, não é?

J.M. – São mais de um... é mais de um grupo?

H.C. – É mais de um grupo.

J.M. – Tá. Tem algum dos professores de sociologia, não?

H.C. – Não, mas tinha... inclusive tinha um amigo meu que formou comigo lá na UFRJ, que também estava dando aula na mesma escola que eu, o Luiz, só que agora ele teve que sair para outras duas escolas. Mas, assim, a gente tem um clima bom no geral, o clima é bom na escola, porque a maioria dos professores aderiram à greve. Então a gente formou um grupo bem sólido assim é... de amizade mesmo, de luta e tal. Então a gente tem assim, uma abertura maior. Agora, com os outros professores, porque às vezes tem professores que trabalham de manhã e não trabalham à tarde, como é o meu caso, e tem gente que trabalha só à tarde. Então fica mais é... difícil ter contato com esses professores. Até a gente recentemente tinha criado um grupo para realmente discutir os problemas da escola, porque a gente realmente tem muitos problemas, inclusive com drogas, alunos, sabe, envolvido com drogas e a gente fica nesse embate, a gente quer fazer, a gente quer discutir, não sei o quê, só que às vezes não sobra muito tempo também, porque a gente está na escola, a gente dá aula e tal, mas tem gente que não tem tempo de ficar é... fazendo grupos de debates sobre as questões que envolvem a escola. Então a gente meio que passa isso pelo WhatsApp, mas, assim, geralmente é isso que a gente discute, “Ah, como é que está o comportamento de tal turma, o que que faz”. A gente até tentou criar um direcionamento do que fazer, coletivamente, com determinados alunos, mas, assim, é muito difícil, porque cada um tem o seu jeito mesmo próprio, já trabalha há anos com esse jeito e às vezes tem uma dificuldade de mudar e tal, de ser aberto, e tem coisas que não dá para resolver pelo WhatsApp. Mas agora a direção da escola tomou uma decisão de uma vez por mês os professores se reunirem e fazerem reuniões para discutir determinados temas que tenham a ver com a escola. Inclusive hoje foi um debate sobre gênero.

J.M. – Hum, entre os professores?

H.C. – Entre os professores.

J.M. – Sei.

H.C. – Aí uma professora ficou responsável para levar os textos e tal e levantar a bola da discussão e até foi ótimo, assim, foi maravilhoso, porque ela fez explicação total sobre gênero, cisgênero, transgênero, não sei o quê...e foi bom, foi gostoso de a gente compartilhar esse momento, porque às vezes a gente só chega na escola, dá aula, a gente só se encontra na hora do intervalo, depois a gente vai para casa e só se vê às vezes só na semana seguinte, porque é a rotatividade, não é? Então, assim, o contato que a gente tem, assim, pelo menos que eu tenho mais afinco, é com os professores que fizeram a greve. A gente tem um grupo no WhatsApp, a gente é bem, assim, organizado e tal, a gente conversa, fala besteira, zoa, não sei quê, e tem o grupo da escola que é mais para falar sobre os assuntos de fato da escola, de direcionamentos e tal.

J.M. – Mas fora essa reunião mensal que a direção implantou... implantou agora, pelo que você falou, recentemente, tem algum outro espaço tipo conselho de classe, ou reunião com a coordenação pedagógica?

H.C. – É, recentemente. Não, a gente não tem coordenação pedagógica.

J.M. – Não tem?

H.C. – Não.

J.M. – Por quê?

H.C. – Porque fica complicado. A gente tem dois diretores... tem um pessoal que fica responsável mais ou menos pela direção pedagógica, mas, assim, não é muito ativo. A direção pedagógica realmente não é muito ativa. E às vezes eu e uma amiga minha, professora de português, a gente fica confabulando sobre essas coisas, “Ah, tem que ter reunião

pedagógica, não sei o quê”, mas não anda, não anda. Então a gente fica meio que limado assim, sabe?

J.M. – Aham, por exemplo quando você começou... eu sei que depois teve a greve e tal, mas alguns professores relatam que quando vão pegar, começar um semestre letivo novo, tem alguma pauta dada, sei lá, pelo coordenador pedagógico, qual vai ser o planejamento do ano, o que a gente vai fazer etc.

H.C. – Ah sim. Isso a gente tem que mandar. Do início do ano a gente faz o planejamento por bimestre, o que que a gente vai... quais os instrumentos que a gente vai usar, teste e prova, e quais é... quais as diretrizes que a gente vai utilizar. É um plano pedagógico, cada professor tem que fazer o seu.

J.M. – É meio padronizado assim o formato ou você faz um documento assim, ou tem que preencher umas coisas assim... em termos de materiais...

H.C. – É, não, é livre assim. Acho que no geral é livre, a gente pega um modelo e faz lá. Não tem... não tem muito critério assim. Tem que seguir tais e tais regras, não. A gente faz do jeito que a gente quiser.

J.M. – Aí você faz isso individualmente, você faz o teu e manda?

H.C. – Individual.

J.M. – Aí tem um feedback ? Senta todo mundo e vê e tal, não sei o quê, ou alguém te chama “Pô, você vai fazer isso”. Tem algum feedback assim, não?

H.C. – Não.

J.M. – É mais você manda assim...

H.C. – É, é mais protocolar.

J.M. – Entendi, entendi.

H.C. – É mais protocolar, a gente vai, entrega. Ah, eu acho que com... é porque eu sou a única de sociologia, mas eu acho que nos grupos de... o pessoal de matemática, de português, que tem mais gente, eu acho que eles se reúnem meio que para fazer uma coisa meio que...

J.M. – Comum assim, distribuir um pouco isso a responsa...

H.C. – É, comum... a responsabilidade.

J.M. – Aham, tá. Aí só falando um pouco assim da tua rotina também fora da escola com relação ao trabalho... Você trabalha de manhã dois dias na escola?

H.C. – Isso.

J.M. – Então você tem bastante tempo, em tese, para preparar a aula assim, não é?

H.C. – Não. [risos].

J.M. – Não? Por quê?

H.C. – Na verdade eu faço isso no final de semana.

J.M. – Ah, é? Por quê? Fala aí.

H.C. – Porque eu tenho outro emprego, porque o dinheiro do estado não dá...

J.M. – Ah, fala isso. Onde você trabalha também?

H.C. – Eu trabalho no escritório de advocacia. Eu comecei lá em 2014, quando eu me formei, é... quando eu tava para me formar eu acho. Não, foi logo assim que eu me formei, eu fiz a... eu, eu comecei a trabalhar lá, aí depois surgiu um outro emprego no IBASE, aí tive que sair de lá, mas continuando lá, porque meu patrão não me larga [risos], é desses. E aí eu tenho esses dois empregos hoje, que é o estado e a...

J.M. – Ah, então todos os outros horários da semana você está no escritório onde você trabalha, é isso?

H.C. – Inclusive depois do expediente da escola.

J.M. – Ah, você sai da escola e vai para lá...

H.C. – Saio da escola e vou para lá.

J.M. – Então na verdade tua preparação de aula é no fim de semana?

H.C. – Isso.

J.M. – Aí como é que é assim, tu tem um lá, um escritorzinho para você, um espaço para você, tu faz numa mesa e tal?

H.C. – Não. Antes era meio desleixada, mas agora eu reformei a casa e tal, agora tem uma escrivaninha para poder trabalhar.

J.M. – Ah, legal.

H.C. – Aí agora eu faço na escrivaninha.

J.M. – Aí tu faz por semana, não dá para adiantar, vou deixar preparado as aulas de um mês?

H.C. – Ah, não. Não tem como. Impossível, porque também depende do rendimento dos alunos, não é?

J.M. – É, para onde eles estão indo, não é?

H.C. – É.

J.M. – E aí a preparação para você é mais tu pegar o livro didático e procurar um pouco organizar aquilo para o quadro e tal... Você lê algumas outras coisas, fora o livro didático, dependendo do assunto, você procura algum outro... ou vai na internet, procura alguma coisa? É mais o livro mesmo?

H.C. – Raras vezes, é... raras vezes. É mais o livro...

J.M. – Tem... aliás, se tiver..., tem recurso lá assim se tu quisesse passar um filme, alguma coisa assim?

H.C. – Recurso até tem.

J.M. – Dura o tempo de aula assim...

H.C. – Não, eu acho até que daria, o problema é que a gente fica pensando para onde vai levar, entendeu?

J.M. – Entendi, entendi.

H.C. – Aí eu passo lá, sei lá, um vídeo, igual quando eu fiz estágio no Pedro II, eles dão... lá tem o laranjão, que é um sistema super moderno que eu acho incrível, que já é o retroprojetor com um negócio que você encaixa lá que já faz tudo. Então lá eles têm esse recurso. Na escola a gente não tem, a gente tem é uma caixa de som e professor leva o laptop, ou o que tiver lá, mas acho que até tem um laptop para usar, assim, se necessitar. E, mas aí eu fico pensando, vou passar sei lá Ilha das Flores para eles, mas aí tipo, aí eu tento fazer o debate e não vai, não engrena, sabe? Aí eu fico pensando, pô, vou gastar meu tempo, vou gastar energia toda nisso, e depois não vai ter o retorno, então é complicado.

J.M. – Entendi. Se pudesse, você concentraria só em aula, ter mais aula, ou seja no município, no município não, mas em outros, outras escolas do estado, na rede privada, e largar o outro emprego, se pagasse a mesma coisa, digamos assim... se você consegue... fazer uma renda só dando aula, como você ganha hoje, mas só dando aula, você preferiria ou não, assim?

H.C. – Eu nunca parei para pensar nisso não, mas talvez sim. Depende de onde fosse dar aula também, não é? Se fosse para continuar com os alunos pestes e ruins, acho que é meio que um desestímulo, mas se for necessário, eu até penso nisso, caso faltar lá no meu outro emprego no escritório, eu vou com certeza, vou atrás de GLP, de qualquer outra coisa no estado, porque, bem ou mal, é um emprego fixo, teoricamente até agora é, não é? A gente nem sabe se vai continuar sendo, mas...

J.M. – Agora pensando na tua licenciatura lá. Você mencionou vários problemas, assim, que você tem na gestão da turma, para além da sociologia, gestão da turma...

H.C. – Sim, sim.

J.M. – Alguma coisa... fora do estágio supervisionado...alguma coisa na licenciatura te ajudou a lidar com isso assim, sei lá, aula de didática, aula de psicologia, alguma coisa te conectou com isso assim, não?

H.C. – Não, porque, inclusive quando eu assumi no estado, eu fiquei assim em choque, realmente eu tive problemas sérios, físicos, assim.

J.M. – Ficou doente assim?

H.C. – É, não conseguia, simplesmente eu não conseguia dar aula. Eu ficava mal, porque eu não conseguia ter o controle sobre a turma, eu não conseguia falar, não conseguia explicar, não conseguia nada. Fiquei realmente paralisada assim, mas aí depois com o tempo eu fui falando comigo mesmo. Não, eu preciso ir, eu preciso preparar a aula, eu preciso fazer isso, eu preciso, eu preciso muito, e aí eu fui meio que caminhando assim, mas assim da licenciatura, não que eu me lembre assim, que seja algo tipo, ah uma aula super irada de pedagogia. Não, nem foi isso que me impulsionou, foi tipo eu preciso muito.

J.M. – Entendi, entendi. Ah, mas a coisa da docência no ensino médio nem era assim necessariamente, “Ah, eu queria muito dar aula no ensino médio, minha vocação”... era mais uma oportunidade profissional assim?

H.C. – Era. Sempre foi assim. Na verdade é porque quando eu terminei aqui na FGV, eu não consegui passar para o mestrado, aí eu fiquei naquele desespero, o que é que eu vou fazer? Aí surgiu essa oportunidade na UFRJ, fui procurar, pesquisei e tal, aí fui para lá para fazer uma complementação e poder dar aula. Aí eu tive a sorte, – eu não sei se foi sorte – a gente fala que é sorte, mas às vezes nem é, a gente estuda tanto, tanto, tanto tempo, que a gente às vezes acha que é sorte, mas é conhecimento mesmo. A gente tem um pouco a mania... eu tenho um pouco disso, de falar que é sorte, mas acho que não, acho que é um pouco de conhecimento, de estudo mesmo, dedicação, e consegui passar para o Estado.

J.M. – E assim, da Sociologia que você vê no livro didático, que você tenta passar pros alunos, você vê relação assim, alguma, com a sociologia que tu aprendeu, seja aqui, seja no IFCS? É muito distante, tem uma proximidade assim para você e tal, os conceitos e tal...

H.C. – Eu acho, eu tento sempre levar assim, principalmente para preparação de aula, é... um pouco de como eu gostaria de aprender a sociologia se eu tivesse no ensino médio, e um pouco assim, eu sempre procuro levar para realidade deles, sabe?

J.M. – Aham, que era o jeito que você gostaria de ter aprendido, em tese?

H.C. – Sim, que aí se torna muito mais interessante, porque você vai procurar, esquivar, essa relação de fazer trabalho, por exemplo, eu falo gente, preparação de trabalho é um momento seu, assim, não é só você chegar, simplesmente tacar no Wikipedia, copiar e colar, ponto, vou entregar o trabalho. Pelo menos lê o que você escreveu, pelo menos, antes de entregar. Lê o que você escreveu, vê se tem as fontes. Sempre peço para eles, acho que é uma mania meio academicista também, não é? Então eu sempre peço para eles um trabalho bem feito com capa, com uma leitura do que eles acabaram de escrever, com fontes, sempre. Então assim eu sempre tento, não é que eu sempre tento, mas acho que isso já está em mim, entendeu? Pela minha trajetória, acho que já se consolidou em mim essa de... de pedir um trabalho como os meus professores me exigiam, eu meio que passo essa exigência para eles. A mínima, sabe? É a mínima. Colocar nome e turma, é o mínimo. Então eu sempre faço uma exigenciazinha mínima para que eles entreguem um trabalho relevante. Então acho que faz parte mais ou menos da minha trajetória assim, e eu meio que coloco para eles, nesse sentido.

J.M. – Assim, tu descreveu uma realidade bem dura da docência, mas o que você diria dessa coisa de ser professor que tu acha que seria a melhor parte? Ou que você acha... que te dói menos, digamos assim [risos]?

H.C. – O que dói menos...

J.M. – Não sei, porque tem gente que diz assim: “pior parte de ser professor é corrigir prova” ou “pior parte de ser professor é...”

H.C. – Pô, preencher diário é bem pior [risos], bem pior, preencher diário é muito ruim, tanto que a gente sempre faz a promessa: “Gente, não vamos deixar o diário para o fim”, não pode deixar o diário para o fim, porque senão você vai se enrolando. Se você não for preenchendo o diário ao longo das aulas, chega o final do ano você está frito, que aí você não tem o que entregar para a coordenação, e aí fica naquela situação ruim, mas eu acho que da coisa boa assim da docência, eu acho que o carinho. Tem uns alunos que são muito carinhosos. Eles te respeitam, sabe? Eles gostam realmente de você, alguns alunos se interessam de verdade, questionam, te marcam em publicações no Facebook, sabe? Faz esse tipo de coisa que te agrada, que é relevante, que te faz “pô, pelo menos esse aí vai se salvar, sabe?” Então eu acho que isso é um lado bom.

J.M. – Você inclusive interage com eles em rede social assim, no Facebook, etc.?

H.C. – É, com alguns alunos sim.

J.M. – Você seleciona... alguns pedem para ser amigo, mas você meio que...

H.C. – [risos] Não, eu geralmente aceito todo mundo, sabe, mas...

J.M. – Mas você comunica coisa de aulas com eles, assim?

H.C. – Não, não, é mais, só por ter mesmo.

J.M. – Sei, sei, é que tem professor que usa para falar de coisa de prova sei lá...

H.C. – Tem, tem.

J.M. – E assim, você pensa em fazer outra coisa relacionada às Ciências Sociais? Por exemplo, você tentou mestrado e não conseguiu, você tentaria fazer de novo, alguma coisa relacionada a isso?

H.C. – Olha, às vezes eu até tenho essa perspectiva e tudo, mas é... não sei. No momento da vida ainda não sei se eu faria o mestrado e tal... talvez. Talvez sim.

J.M. – Tipo procurar alguma outra coisa relacionada à área, não sei, trabalhar em ONG, trabalhar em, sei lá... ou então fazer concurso público para outra coisa?

H.C. – Ah, um concurso público que me oferecesse melhores oportunidades, sim.

J.M. – Aham, e ensino na rede privada, você tentou assim? Procurar e tal, escola particular...

H.C. – Ah, escola particular é assim, é mais quem indica, porque às vezes é um núcleo bem fechado, mas, assim, os colégios federais e tal é mais complicado por conta das exigências, porque se você faz, é, por exemplo, se você tem mestrado, você já ganha um ponto, se você tem doutorado, são dois pontos...

J.M. – Sim, sim, ganha mais...

H.C. – Então assim, você automaticamente vai ficando para trás. E às vezes isso também... às vezes isso me estimula a fazer uma especialização, um mestrado e tal para ter essa pontuação se eu for tentar um outro concurso para professorado na rede federal, mas por enquanto ainda não.

J.M. – E você tem ainda algum contato assim com as coisas das Ciências Sociais fora da docência? Que eu digo assim, você trabalha para caramba, o dia inteiro, só tem o fim de semana para preparar aula, mas às vezes cai um livro na tua mão, ou você procura ver alguma

coisa assim e tal que está rolando, que as pessoas... alguma pesquisa ou alguma coisa do tipo, ou não tem nem tempo disso assim?

H.C. – Geralmente eu nem tenho muito tempo, mas um cientista social é sempre um cientista social, não é? [Risos] Então quando a gente vê uma notícia assim na televisão, a gente já pensa de outra maneira. Então, assim, é, sei lá... uma vez sociólogo, sempre sociólogo. Você vê... às vezes eu vejo uma notícia internacional, alguma coisa assim... a gente sempre pensa por um outro lado, uma outra perspectiva. Então é nessas horas mais que a gente se sente, entendeu, um cientista social.

J.M. – Entendi.

H.C. – Mesmo na notícia, às vezes a gente pensa de uma perspectiva diferente. É mais nesse sentido.

J.M. – Entendi, entendi. E assim tipo, agora 2017, você está de novo nessas duas escolas ou mudou assim?

H.C. – Não, agora eu só estou na origem.

J.M. – Está na origem, na origem. Quantas turmas de primeiro ano você tem?

H.C. – Tenho quatro.

J.M. – Quatro? Aí tipo é uma atrás da outra todo dia assim, tu sai de uma entra em outra?

H.C. – É, na quinta-feira sim, na quinta-feira eu só tenho primeiro ano. E na terça-feira eu tenho um primeiro ano e dois terceiro.

J.M. – Ah, entendi. Pô, Hozana, na verdade a gente passou por quase todas as perguntas de um jeito ou de outro assim. Não sei se teria algo para acrescentar ou que você quisesse falar...

H.C. – Eu acho que não, é isso aí.

J.M. – Não? Então eu queria agradecer. Ninna, obrigado, pode...

[FINAL DO DEPOIMENTO]